

# **UM DOM AMALDIÇOADO**

“Quem gosta de ler não morre só”.  
Ariano Suassuna

# **UM DOM AMALDIÇOADO**

**Talita Maciel**

2023

*Aos meus familiares e aos que irão ler este livro.*

“Nesta seleção de contos, histórias que misturam mistério e sobrenatural se entrelaçam para dar lugar a: O Lago de Fogo, um conto sobre um estranho portal que se encontra abaixo de um lago que fica onde antes era um pequeno povoado; E Se, um conto sobre um amor com um destino trágico; Rituais, um conto sobre estranhos objetos indígenas culpados pela morte de toda uma tribo; Um Dom Amaldiçoado, a história de uma mulher que pode ver as pessoas pouco antes de morrerem; Encontros Com a Morte, uma história sobre um estranho ritual que cerca uma pequena e misteriosa cidade; e outras narrativas.”

## Índice

AMORES.....	7
E SE.....	14
OS ÍMPIOS.....	23
O LAGO DE FOGO.....	28
RITUAIS.....	34
UM DOM AMALDIÇOADO.....	44
GATO, GATO.....	59
ENCONTROS COM A MORTE.....	63

## AMORES

— Eu estou apaixonado.

— Por quem?

— Por você.

— Mas eu não sinto nada por você.

— Talvez se você me desse uma chance podia sentir algo.

— Eu não posso. Eu sinto muito, eu sou comprometida.

— Com quem? Eu nunca te vi com ninguém, Clarice. Por favor me dê uma chance.

— Eu não posso, entenda, eu já gosto de outra pessoa.

— De quem? Você está sempre sozinha. Duvido que conheça qualquer pessoa além de suas alunas.

— Como pode ter certeza? O que você realmente sabe sobre mim?

— Eu sei que você é a mulher que eu amo, a mulher pela qual cada suspiro vale a pena.

— Não, você não tem ideia do que está dizendo. Só está confuso.

— Como o meu irmão esteve?

— Não, não fale dele. Vá embora!

— Você sabe que ele te amava e foi por sua causa que ele morreu. Não faça o mesmo comigo. Não me deixe morrer por sua casa.

— Não, não diga essas coisas. Eu não tive culpa, eu não fiz nada. Ele que...

— Ele se enforcou. Ele não devia ter feito isso, mas você não lhe deu escolha.

— Ele tinha escolhas sim. Se tivesse conhecido outra pessoa, ele podia ser muito feliz agora.

— Não, não é possível ser feliz depois que se conhece você. Você não percebe? Você é bonita demais para não ser amada. Até suas alunas estão encantadas por você.

— Não é verdade.

— Sim, é. Você é a mulher mais bonita que já foi vista por essas bandas. Talvez em todo planeta terra.



— Pois eu não quero ser. Adeus e não volte mais por aqui – dito isto, Clarice fechou o portão e retirou-se para o interior de sua casa.

— Quem era? – perguntou a mãe.

— Ninguém importante. Você sabe como essas pessoas são. Vivem a nos importunar.

Não era bem assim. Sua mãe sabia disso. Se alguém naquela casa estava sempre a ser importunada, era sua filha. E sempre foi assim desde que ela entrou na adolescência. Os rapazes viviam correndo atrás dela. Eram ligações incessantes feitas no meio da noite, cartas que não paravam de se acumular na caixa de correios e, quando saía com a filha, olhares incômodos e perseguidores. Como era terrível! Não podia deixar a filha um minuto a sós com medo do que poderia acontecer. Teve que deixar de trabalhar depois que um sujeito invadiu a sua casa no intuito de raptar sua filha. Era tamanha loucura que nem ela mesma sabia como era possível.

Para piorar, uma das vizinhas teve a coragem de acusar sua filha de assassinato, o que era uma grande mentira. Que culpa teria sua filha que um rapaz, do qual

ela não gostava, tivesse tirado sua própria vida por não aceitar uma rejeição? Estranho como algumas pessoas podiam ser tão drásticas. E Clarice nunca nem chegou a namorá-lo. Os dois foram apenas colegas de classe quando Clarice ainda estava no ensino médio, porém não eram mais havia dois anos quando ele se matou. O pior foi a carta que ele deixou a culpando. A mãe dele fez questão de entregá-la a Clarice. Depois disso, a jovem, que estava no segundo ano de faculdade, abandonou o curso. Disse que não queria mais ser vista por ninguém e que apenas daria aulas de piano para garotas em casa. Dito e feito, sua vida passou a ser nessa clausura.

Foi aí que as ligações foram diminuindo e ninguém mais tentou invadir sua casa, mas agora, três anos depois do episódio em que o vizinho se suicidou, veio este irmão mais novo dele dizer que também estava apaixonado por Clarice. Era uma tortura, ela já nem sabia mais o que fazer. Tudo que sabia era que a mãe do rapaz a odiava e que até tentou interná-lo alegando insanidade, o que não deu em nada. Perder um segundo filho... Seria terrível para aquela mulher... E, como mãe, ela ficava se

perguntando o que fazer para poupar a filha de mais uma tragédia.

— Tem algo que eu possa fazer por você?

— Não, mãe. Eu estou bem como estou.

— Pois não me parece. Estou preocupada com você. Não quero que se culpe se algo de ruim vier a acontecer.

— Você acha que vai acontecer? Acha que ele vai se matar como o irmão?

— Não, é claro que não, mas, se algo assim voltar a acontecer, eu quero que saiba que a culpa não é sua.

— Eu sei. Ele não me ama de verdade, nenhum desses homens me amam de verdade.

— Sim, sim, embora você tenha muitas qualidades. Pena que eles nunca vão saber disso.

— Sim, eu não os quero.

— Eu entendo, meu anjo. Mas o que você quer, ou quem você quer, se é que quer alguém?

Clarice nunca respondia quando lhe perguntava isso, e dessa vez não foi diferente, ela olhou para o lado e flutuou em pensamentos para bem longe. Era como o pai, um homem muito bonito, mas sempre muito distante. “Eu

daria tudo para ler seus pensamentos”, pensou consigo mesma, e se retirou dali. A filha, no entanto, permaneceu onde estava. Seus olhos estavam agora com um brilho mágico, parecia que tinha visto um anjo, e talvez tivesse visto mesmo...

Ele estava sentado em sua cama, com seus belos olhos castanhos e seu par de asas enorme. Não era preciso que ela dissesse nada. Ele já sabia no que ela pensava, em quem ela pensava... Como era triste que alguém fosse capaz de tirar a própria vida por causa de um amor unilateral!

— Não se preocupe com ele. Ele está muito bem onde está agora.

Aquelas palavras magicamente a acalmaram, e os pensamentos dela já mudavam de percurso e se concentravam ali naquele que lhe fazia companhia... Tudo nele irradiava bondade, compaixão e amor. Foi por isso que ela havia se apaixonado por ele e era por isso que temia contar até mesmo a mãe sobre sua existência. Quem entenderia? Quem acreditaria que ela havia se enamorado de um anjo ou mesmo que ele existia?

Ninguém, e ela não podia correr o risco de perdê-lo, por isso aquele era e sempre seria seu segredo.

## E SE...

— O que te fez gostar dela?

— Dela quem?

— Você sabe muito bem de quem estou falando, daquela coisinha murcha com quem você foi casado antes de mim.

Para que pensar naquilo? Para quê? Até parecia que já não pensava demais, era sempre um retorno, sempre um imaginar tudo o que poderia ter acontecido se não tivesse se apaixonado por outra, se tivesse permanecido comprometido ao seu casamento anterior, se...

— Prefiro que você não fale desse jeito sobre ela, é desrespeitoso.

— Tudo bem. É que imaginar que você já teve outra me deixa com ciúmes.

— Algo que você não precisa ter, sabe que eu sou todo seu.

— Sim, eu sei, mas... Ninguém nunca me amou tanto como ela te amou. Ser capaz de tirar a própria vida por não suportar viver longe daquele que ama é tão...

— Por favor, Roberta, não vamos falar sobre isso.

— Mas eu quero. - Tudo que ela queria tinha que ser atendido. Duvidava fortemente que alguém já tivesse lhe negado um capricho.

— E eu não.

E se ele não tivesse conhecido Roberta? E se ele não tivesse trocado Cláudia por Roberta? Ambas eram tão diferentes...

Roberta era toda fogo. Uma mulher dessas de parar o trânsito. Já Cláudia, a pobre Cláudia, embora não fosse feia, sempre estava assim um tantinho acima do peso. Ela também era um tanto desengonçada e terrivelmente atrapalhada. Parecia não levar jeito para nada e não ter talento para nada. Era uma mulher simples, extremamente simples, dessas que não era difícil de se conquistar, mas que, depois que se conquistava, ficava se perguntando o que fazer com ela?

Devia ser fácil deixá-la de lado e contentá-la só com um pouco de atenção, o que ele fazia com esmero. O problema é que Cláudia estava sempre a lhe declarar o seu amor e a dizer que tudo faria por ele, o seu primeiro namorado, o seu primeiro beijo, o seu primeiro tudo. Mas

por que será que ela nunca nem sequer havia beijado outro?

Um colégio de freiras e alguns anos no convento foi a resposta que lhe deu, mas era essa a melhor resposta?

Quando conheceu Cláudia, ela tinha vinte anos. Era a filha do seu chefe e, portanto, a maneira mais fácil de crescer na empresa em que trabalhava. Bastou um olhar ali, um toque de mãos aqui e mais algumas bobagens sussurradas em seu ouvido para que ela se apaixonasse e se convencesse cegamente que era correspondida.

Alguns meses de namoro e pronto, os dois estavam noivos.

O casamento foi caro, os sogros não estavam lá felizes com a ideia, mas eram pessoas antiquadas e não admitiam que a filha fosse “corrompida” e depois jogada fora. Isso era absurdo para eles. Porém, Cláudia também contribuiu e muito para que os pais não se sentissem capazes de impedi-la. A teimosia dela, a certeza de que jamais amaria outro além dele fazia com que ninguém fosse capaz de fazê-la mudar de ideia e acreditar que



transformar o homem que amava em esposo fosse uma má ideia. Ele era o seu tudo. Os dois, em sua mente de jovem apaixonada, estavam predestinados a ficarem juntos para sempre, pois eram perfeitos um para outro. Perfeição que, claramente, só existia em sua cabeça boba.

Ele, de sua parte, estava sempre disposto a conhecer outras mulheres e a dar o mínimo de si para que o matrimônio perdurasse.

Cláudia era sufocante. Seu amor doce e idealizado eram uma tortura para ele. Não suportava voltar para casa e ouvi-la dizer o quanto o amava e que ninguém seria capaz de fazê-la amá-lo menos, nem mesmo ele.

Ela parecia disposta a tudo por ele, mas o mais terrível foi quando disse que ninguém o amaria como ela. Isso era insuportável, especialmente depois de quatro longos anos juntos. Quatro anos entediantes que pareciam ir o matando aos poucos. Será que ela não percebia que ele secretamente a desprezava? E que a evitava sempre que possível? Uma mulher sem senso de moda, sem porte, sem elegância. Uma mulher para quem a única razão de existir parecia ser dizer que o amava,

mas, se ela o amasse mesmo, ela teria feito bem mais. Teria feito tudo para estar a altura da mulher que ele considerava ser a mulher ideal. Em vez disso, ela jamais perguntou o que ele esperava de uma esposa perfeita, apenas tentava satisfazê-lo ao seu modo, cuidando da casa, da comida, mandando presente para os pais dele no dia do aniversário deles e nas datas comemorativas... Inúmeras coisas pequenas, pontuais e bobas.

Ela devia pensar que poderia comprá-lo, por isso, quando possível, arranjava dinheiro com os pais dela e lhe comprava perfumes e roupas caras ou, então, organizava uma viagem para fora do estado.

Roberta, pelo contrário, nunca lhe dera nada e conquistara-lhe apenas com um sorriso. Era a nova funcionária da empresa e sua subordinada. Uma mulher fatal que, em poucas semanas, transformou-se em sua amante, com quem cada minuto dali para frente pareceu inesquecível.

Roberta também o amava ao seu modo, como uma gata, a quem todos devem sempre dar, e dar, e dar. Apesar disso, Roberta também tinha princípios, e ela não aceitaria ser amante para sempre. Foi por isso que,

naquele fim de semana, quando ele e Cláudia, estavam em uma pousada numa praia distante, ela lhe ligou e disse: “Deixe-a se não você nunca mais me verá.” Ela não lhe deu tempo para pensar direito, muito menos para respondê-la, somente desligou o telefone.

Ele não podia perder a mulher que amava e não podia perdê-la por causa de alguém que o sufocava com todo aquele amor sem sentido despejado sobre ele. Ele precisava dar um basta naquele casamento, dizer eu quero me divorciar e ser feliz com aquela que realmente amava. O problema era que algo assim lhe parecia impossível. Cláudia não era como todas as mulheres que conhecera, ela era como um carrapato em sua mente. Não dava para se livrar dela sem se livrar de si mesmo, e a ideia de imaginá-la dizendo que ainda o amaria e que sempre o amaria, mesmo que os dois rompessem, atormentava-o. E ele não podia viver eternamente atormentando. Foi por isso que aquela lhe pareceu a única solução possível...

— Eu não sei nadar, você sabe.

— Não se preocupe, eu vou estar com você. Eu sempre estou com você, não estou? Ou você não confia em mim?

E era claro que ela confiava. Por que não confiaria? Ela o achava o homem mais perfeito de todo mundo, inteligente, bonito, divertido e tantas outras coisas mais que ele já não aguentava mais ouvir. Então, os dois foram à praia. Estava deserta, pois aquela era uma pousada que ficava o mais distante possível das outras. Além disso, os outros hóspedes deviam estar visitando os restaurantes que ficavam nas partes mais povoadas da cidade, o que significava que os dois estavam ali sozinhos, sem serem vistos por ninguém, nem pelos funcionários da pousada, que aquela tarde se resumiam a uma funcionária não muito atenta. Uma jovem cujo único passatempo parecia ser um emocionante jogo para celular.

— Você pode boiar. Eu estou aqui te segurando.

Ela o obedeceu sem pensar duas vezes. E, enquanto os olhos dela estavam fechados, ele a conduziu para bem longe, para o mais fundo do mar que conseguiu sem levantar suspeitas e onde os pés dela não tocariam